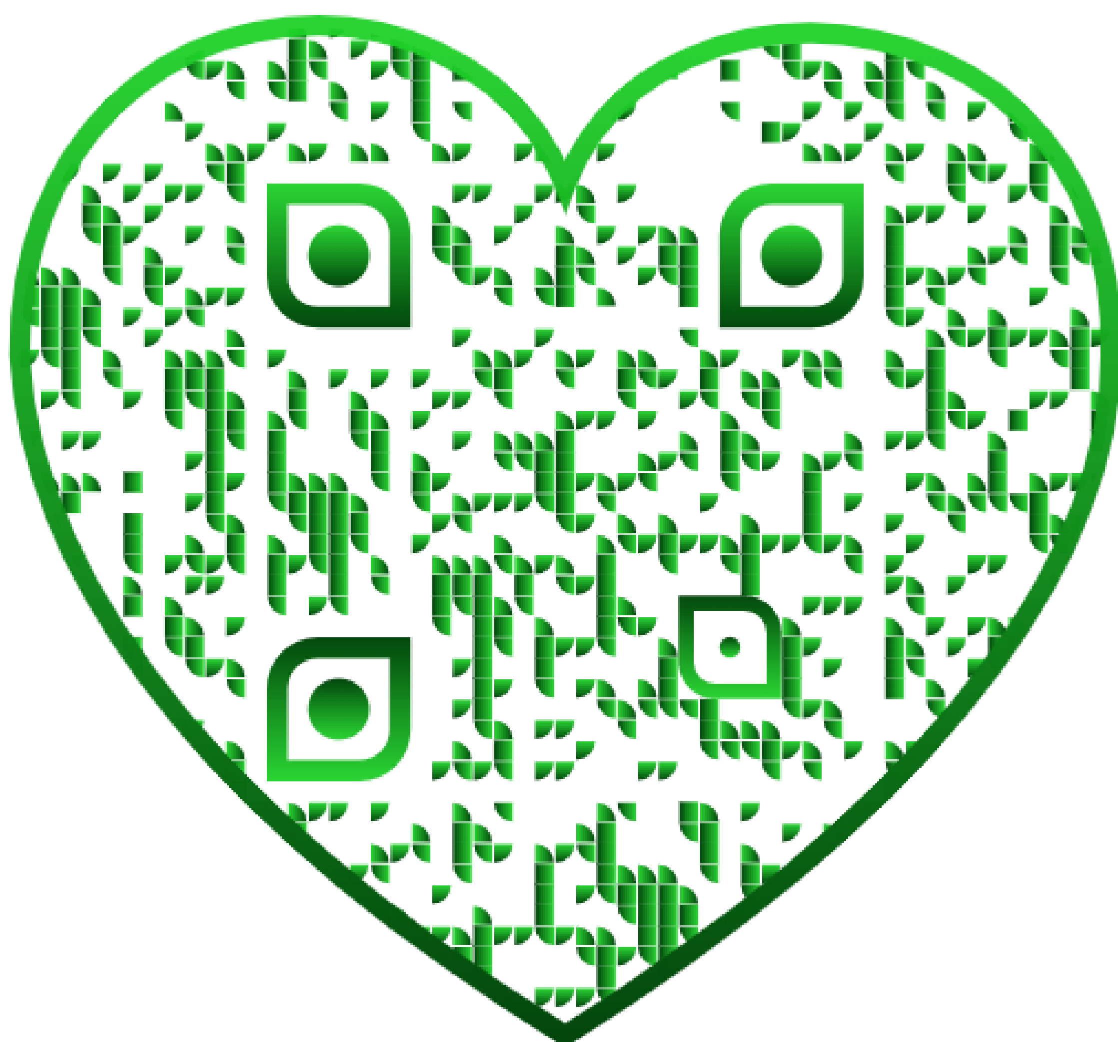
Ellora's Cave Presenta



Los Cavernicolas de Ellora

Cuentos Legendario III

Melani Blazer
Sahara Kelly
Delilah Devlin
Nikki Soarde
Kate Douglas
Arianna Hart





Contatos imediatos do Tipo Carnal



Resumo[1]*:*

Quando Etienne, um ex-soldado com profundas feridas no corpo e na alma, encontra-se com uma estranha garota que lhe pede que entregue sua "semente", não imagina que estará fazendo contatos muito próximos com ela. Disso depende o futuro de uma estranha raça a que ele pertence sem saber.

---

[1] História pertencente à antologia Os cavernícolas de Elloras: Contos legendários III.



Revisora Ana:

Nota: 1 calcinha

É uma história curtinha, mas bonitinha. Não considerei muito hot, mas o enredo é razoável. Dá para se distrair.



Revisora Claudia:

Um ex-soldado com feridas de guerras se ver de repente envolvido com uma mulher de ações estranhas que pode não ser desse mundo e ainda, descobre que nem tudo em sua vida é o que parece ser!

Esse é um livro bem curto, não tem uma grande estória, mas tem umas cenas hots que merecem 02 calcinhas.





Capítulo 01

Através dos ramos agitados dos ciprestes que quase tingiam o céu da noite, Etienne viu uma luz: uma bola de fogo de cor amarela e alaranjada tão brilhante que ele se perguntou como era possível que o ar que respirava não se queimasse.

Enrijeceu o corpo ante a instintiva necessidade de se agachar para se proteger.

—Ooh! Sabemos onde o tio Jacques está esta noite — disse Arnaud enquanto abria sua lata de cerveja e tomava um longo gole e, com o olhar, seguia a luz à medida que passava lentamente de norte a sul.

Etienne olhou seu irmão, ele estava sentado em uma cadeira de vime com os pés apoiados sobre o corrimão da varanda e sufocou um insulto.

—Contanto que não volte a falar na National Enquirer, dizendo que viu extraterrestres, não me preocupa o que ele faz.

—Parece ser a única coisa que esse homem sabe falar. Já foi suficiente que dissesse que os extraterrestres o levaram, mas, dizer ao mundo o que lhe fizeram depois? — A expressão do rosto de Arnaud se entristeceu — A família ainda não esqueceu isso.

Etienne estremeceu ante o aviso.

—Certamente estará procurando-os com sua espingarda toda a noite no pântano. O que se pode pensar é que está se escondendo.

—É verdade! — Arnaud fez que não com a cabeça — Qualquer homem a quem eles examinam o traseiro e depois conta a todos não tem vergonha alguma. Não me surpreende que Letícia o tenha deixado.

Etienne empurrou a cadeira de Arnaud com seu pé saudável e quase o fez cair.

—Faz com que pareça como se acreditasse na história. O tio Jacques está totalmente louco. Sempre esteve.

Arnaud encolheu os ombros; parecia envergonhado.



—Sim, mas você não estava aqui. Não o viu: Tinha o rosto todo queimado e estava abatido e cansado, como se tivesse transado com dez prostitutas. Não podia deixar de falar disso e não acredito que tenha conseguido dormir por vários dias.

—Mas, o que foi exatamente que ele disse? Encontrei um Enquirer no armazém militar depois de falar com você. Não disse que aspectos tinham os extraterrestres nem nada da nave.

—Sim — soprou Arnaud — Só que queriam bebês: queriam copular com ele — Arnaud deu um olhar malicioso — Mas sim, mencionou seu nome, irmão mais velho. Esses extraterrestres devem estar te procurando agora!

Etienne lhe jogou um olhar furtivo.

—Merda! Por isso me afastei da cidade. Menos mal que não compartilhou essa parte da história com o jornalista. Poderia atirar em qualquer um que aparecesse na varanda de minha casa sem ser convidado.

—Vê? Esse é seu problema. Perdeu o senso de humor. Por acaso o exército tirou isso de você?

Etienne desabou sobre a cadeira que se encontrava ao lado de Arnaud e apoiou sua bengala sobre o corrimão da varanda.

—Algo assim — balbuciou ele, desejando que seu irmão estivesse em qualquer lugar e não aqui, mas o homem revoava a seu redor como um mosquito faminto.

—Sabe que mais? Você voltou daquele deserto e não falou nada do que viu, do que aconteceu. Mamãe está preocupada com você.

Etienne olhou para a água parada e estagnada. As palavras estavam ali, na ponta de sua língua, mas não podia colocá-las para fora. Em vez disso, fez desaparecer as lembranças sombrias.

—Já acabou. Voltei, deixa assim.

—Voltou? — Os escuros olhos de seu irmão brilharam com preocupação na tênue luz que projetava a única lâmpada pendurada na viga — Não é o mesmo homem de antes. Demônios, nem sequer fala como um de nós.

—Conheci o mundo, Arnie. Aproveitei a Escola Militar Montgomery para veteranos. Talvez você devesse tentar algum dia.



—Não, obrigado. Não se isso me converter em um crocodilo resmungão. E já que falamos disso...

O brilho malicioso retornou aos olhos de Arnaud e Etienne se esticou. Conhecia suficientemente bem seu irmão para saber que estava tramando algo.

—Direi uma coisa. O que acha de irmos ao Palácio Possum e lutarmos com um crocodilo? Os turistas adoram ver como tiramos a roupa e nos sujamos — Ele moveu as sobrancelhas — Talvez consigam alguns traseiros nortistas esta noite.

Etienne o olhou fixo por cima da perna estendida diante dele.

—Poderia se sentar na borda da piscina, só tirar a camisa e mostrar às meninas esses músculos. Olhariam para você e a sua perna mecânica e poderá ter todo o sexo que necessita para voltar a ser feliz.

—Não preciso de sexo. Preciso descansar — disse Etienne com os dentes cerrados.

Arnaud suspirou.

—Se descansar, vai se deprimir. Acaba de voltar e agora quer se esconder em sua cabana no pântano. Não deixarei que faça isto durante muito tempo.

—Me dê alguns dias, Arnie — disse Etienne e manteve um tom de voz equilibrado e tranqüilo quando a única coisa que queria fazer era brigar; brigar com Arnie, brigar por sua perna machucada, brigar com os bastardos que tinham matado seus amigos com uma bomba Molotov.

Seu irmão ficou de pé e esticou os braços sobre a cabeça sem deixar de olhar em direção à luz quando, repentinamente, a ela piscou.

—O que acha que foi isso?

—O maldito gás do pântano, se alguém perguntar! — Etienne encolheu os ombros — Sei o que não é, uma nave extraterrestre.





Etienne se inclinou para frente, pegou sua cerveja entre as mãos e deixou que o silêncio envolvesse os nervos tensos. Ali, no pântano, em uma cabana de caça repleta de felizes lembranças da infância, esperava poder desfazer-se finalmente da profunda tristeza que sentia na alma. Amava seu irmão e sua família, mas não queria convidá-los para o lugar escuro em que se viu obrigado a se fechar desde Tekrit.

Arnaud tinha saído meia hora atrás, frustrado e magoado. Etienne sabia, mas não podia chegar até ele, ainda não. Talvez alguns dias mais olhando esse mundo verde e úmido ao seu redor apagariam as lembranças da sujeira seca pelo sol que absorveu o sangue de seus amigos como se fosse uma ávida esponja.

Necessitava tempo para voltar a adaptar-se a sua antiga vida. Grunhiu ao pensar nisso; como se alguma vez realmente tivesse se adaptado para começar. Era um pouco mais alto que seus irmãos e tinha a pele morena em comparação com a pele cor oliva deles e estava acostumado a se perguntar se não o tinham trocado no berço ao nascer. E nunca tinha estado satisfeito com o que a vida lhe oferecia no pântano, por isso que se juntou ao exército em primeiro lugar.

Um galho quebrou perto e Etienne paralisou. Como se nunca tivesse saído do Iraque, o tempo se fez mais lento e, logo depois de um longo momento, deu-se conta de que os grilos tinham parado seus estridentes chiados e de que as corujas já não chamavam umas as outras: tinha visitas.

Etienne se levantou lentamente da cadeira, ignorou o bastão e entrou na cabana. A arma, que já estava carregada para disparar no traseiro de qualquer jornalista e deixar poeira, encontrava-se ao lado da porta e ele a pegou.

Passadas se aproximavam e já subiam os degraus de madeira, e ele logo se voltava com a espingarda nos braços. Mas a mulher que caminhava com passo firme para ele não se parecia com nenhum jornalista que tivesse visto na vida.

Seu sorriso foi tentador quando parou em frente a ele. Seu olhar era grande e curioso quando observou seu rosto durante um bom momento. Então respirou fundo, baixou o olhar, ajoelhou-se a seus pés e pressionou a testa contra sua coxa.

Sentiu que ela franziu o cenho e perguntou-se o que demônios estava acontecendo. Ele tentou separá-la com um empurrão, mas ela agarrou-se a sua panturrilha, permaneceu nessa posição e disse palavras guturais e musicais ao mesmo tempo. Definitivamente não era espanhol, não se parecia com nada que ele tivesse escutado em suas viagens.

Quando ela se levantou, seus olhos brilhavam de umidade, umidade que fez desaparecer rapidamente ao pestanejar e desta vez, seu sorriso foi alegre.

Etienne começou a suspeitar e olhou para a escuridão; perguntou-se se estavam fazendo uma brincadeira e não gostou nada.

A mulher que estava na sua frente tinha uma expressão muito franca e inocente para ser real. Passeou o olhar pelo seu corpo. Estava vestida do pescoço até a ponta de suas brilhantes botas marrons com um tecido justo que parecia suave como o couro de camurça, tão suave e de cor castanho dourado como os grandes olhos que elevou para olhá-lo.

Ele ruborizou quando se deu conta que ficou imóvel, petrificado pela beleza da mulher. Linda ou não, inocente ou não, não era dali.

—Querida, pode dar a volta e voltar de onde veio — disse, mas suas palavras não transmitiram toda a severidade que ele pretendia.

Ela sorriu, começando a falar novamente e logo seus olhos amendoados se tornaram pálidos. Levantou a mão em direção a sua orelha e mexeu no brilhante fone que tinha no lóbulo esquerdo.

—Sinto muito. Esqueci de ativar meu dispositivo de tradução — disse ela com sotaque caipira.

Não podia ser uma jornalista, não com aquele sotaque. Parecia uma garota mestiça. Ele suspirou e apoiou a espingarda contra a porta.

—OK, quem a mandou fazer isto? Arnaud?

Ela fez que não com a cabeça e o movimento fez cair o longo e escuro cabelo sobre os ombros.

—Por acaso Jacques não lhe disse nada? — perguntou ela enquanto baixava o rosto — Era para ele ter deixado uma mensagem.

Etienne entrecerrou os olhos.



—Não o vi desde que voltei. Mas pode lhe dizer que agradeço muito, mas não estou interessado, não importa quão atraente seja, querida.

Voltou-se para entrar em sua cabana e uma mão pequena e magra pegou firmemente seu antebraço.

—Mas você não compreende quão importante é isto...

Ele a tirou de cima com um movimento dos ombros e ignorou a súplica que ela evidenciava em seus grandes olhos de lebre.

—Olhe, tenho certeza de que é boa no que faz...

—Sou a melhor! — disse ela e o rosto brilhava avidamente — Por isso estou aqui.

—Por um maldito demônio! Não posso acreditar que Jacques pense que eu precise de uma puta — murmurou ele.

—Uma puta? — O rosto da mulher se desfigurou com uma expressão de confusão — Espere, acredito que não posso traduzir essa palavra corretamente.

—Isto é uma brincadeira, não? — Exalou o ar que tinha contido desde que ela apareceu — Ele a enviou vestida com esse traje espacial e espera que faça o que? Transe comigo? — Abriu os olhos e se afastou ligeiramente — Não está pensando em examinar meu traseiro, não é?

—Só se não entregar seu esperma, Senhor — disse ela e ruborizou — Posso ajudá-lo… — Sua voz se desvaneceu e a mulher mordiscou a ponta de seus lábios grossos.

—Tenho certeza que pode — murmurou ele e se perguntou por que tanta luta. A mulher era um bombom. Era alta, de quadris estreitos e tinha seios pequenos e arredondados. Qualquer um de seus velhos amigos teria dado todo seu salário do mês para deslizar entre suas coxas.

Enquanto ele avaliava-lhe os atributos, seus mamilos se esticavam debaixo do couro suave e fino.

—Talvez você precise de algumas preliminares antes de me dar seu sêmen? — perguntou, enquanto inclinava sensualmente a cabeça. Ela se levantou e os seios se realçaram, mas seu sorriso infantil tirou parte do efeito sedutor. Era sensual, confusa, mas mesmo assim, atraente.



Jacques sabia o que estava fazendo. Se ela tivesse o cheiro das ruas, ele a teria mandado de volta em um instante.

Etienne sentiu que sua ira fraquejava. A pele da mulher era morena cor de café com leite e seus poros eram tão finos que ele soube que suas bochechas seriam tão suaves como as de um bebê. Perguntou-se se o resto de seu corpo também seria tão suave. Ao tê-la tão perto, pôde cheirar a fragrância que ela usava sobre a pele: tinha cheiro de amêndoas mesclado com uma essência floral a almíscar que incitava seu pênis.

A mulher mudou de posição e ele a olhou fixamente. Logo, ela endireitou os ombros.

—Nunca saberemos até que terminemos com isto. — Ela estendeu a mão em direção ao zíper de seu jeans.

—Espera um minuto… — Ele fechou o punho sobre a mão dela para detê-la.

Ela elevou o olhar com uma interrogação em seus cândidos olhos.

—Onde demônios, ele encontrou você doçura? — balbuciou ele enquanto a olhava fixamente.

Uma covinha marcou uma bochecha. Uma maldita covinha.

—Oh, eu o encontrei.

Seu sorriso foi infantil e ele se incomodou ao pensar que ela estava brincando com ele.

—Por acaso estava bêbado quando disse essa frase: entregar seu sêmen?

Ela inclinou a cabeça de lado e seu sorriso fraquejou.

—Frase?

Etienne praguejou baixo, encontrava-se no limite de sua paciência e se conteve além de sua própria capacidade de controle enquanto uma angústia irada explodia em seu interior. Agarrou-lhe firmemente pela cintura e a puxou para ele. Se seu tio pensava que uma prostituta poderia tirá-lo de sua tristeza, quem era ele para discutir? Definitivamente, ele não tinha sido capaz de fazer sozinho. Talvez, isto era o que vinha esperando…

A mulher abriu a boca e deixou sair um ofego sobressaltado, um ofego que ele absorveu quando selou a boca com a sua.



Mas os lábios da mulher não se moveram debaixo dos seus e ele abriu os olhos só para descobrir que ela o olhava fixo com os olhos totalmente abertos. Etienne jogou a cabeça para trás.

—Me beije — disse ele com voz brusca — Por isso que veio, não?

—Vim por seu sem...

Ele não queria voltar a escutar sua "história" e fechou sua boca violentamente para calá-la.

Desta vez, ela devolveu-lhe a pressão e deslizou os lábios por debaixo dos dele. O beijo da mulher foi suave e hesitante e lhe adormeceu os sentidos. Sua respiração era rápida e excitada e inflava-lhe a boca. Quanto a isso, ou talvez devido a ela não beijar muito bem, uma descarga elétrica de calor palpitou por todo o corpo de Etienne e apertou suas entranhas.

Ele gemeu e atraiu o corpo firmemente contra o seu, enquanto seu pênis roçava contra a suave dobra entre as pernas dela.

Os quadris da mulher se balançaram e logo empurraram para frente enquanto encontravam o ritmo e ela se esfregava contra ele à medida que gemia dentro de sua boca.

Com os seios esmagados contra seu peito e seu pênis apertado contra ela, ele sugou a feminina e suntuosa boca. A suavidade com que ela tremeu contra seu corpo, acariciou e excitou sua alma. Ele só soube o muito que necessitava daquilo, o muito que precisava dela naquele momento. Afundou-se no beijo, separou sua boca com a língua e deslizou dentro dela, enquanto o corpo doía pela ânsia de perfurar a doce carne.

Mas ela não era a resposta aos seus problemas; nem sequer estava ali porque queria. O bom tio Jacques a tinha enviado.

Etienne se deu conta de que só lutava com ele mesmo. Tinha querido estar sozinho para curar suas feridas, mas sua família parecia compreender que, no fundo de sua alma, necessitava que o tocassem.

As suaves mãos da mulher eram tão boas como as de qualquer outra. Ao menos, ela não esperava que ele derramasse suas vísceras. Deu por terminado o beijo e lhe empurrou as costas.

—Vá em frente — disse enquanto lhe soltava a mão — tome meu sêmen — disse entre dentes; a amargura voltava a atiçar as cinzas de sua ira para convertê-la em chamas.



Ela tragou saliva e parecia um pouco assustada por sua irritação. Se ela tinha medo, ao inferno com isso. Afinal, a tinham pago para que fizesse.

Enquanto o olhava com precaução, ela desabotoou seu jeans. Logo, baixou o zíper e se ajoelhou em frente a ele para baixar a calça até os quadris.

Ele não usava cueca, então seu sexo pulou para frente, ficando livre. A cálida brisa que soprou contra sua carne e o olhar fixo da mulher fizeram o resto. Seu pênis rapidamente se endureceu e levantou.

Etienne respirou fundo e levantou as mãos para apoiar-se contra o marco enquanto a mulher se inclinava sobre ele.

Ela passou a língua pelos lábios.

—Farei rápido.

—Não se apresse por mim — Agora que tinha decidido desfrutar do "presente", não tinha pressa nenhuma.

A mulher limpou a garganta e logo abriu a boca, tragando a cabeça de seu pênis.

Ele gemeu e os dedos dos pés retorceram dentro das botas. A sensação da boca ardente e úmida da mulher em seu sexo era tão deliciosa que doía.

Ela nunca deixou de olhá-lo nos olhos enquanto voltava a engolir e lambia a suave cabeça. Ver que a língua rosada da mulher saía disparando para lambê-lo, contraiu sua virilha. Ela seguiu a protuberância em toda sua circunferência e logo lambeu todo o comprimento de cima para baixo. Acariciava-o com mais firmeza, à medida que avançava.

Etienne apertou os dentes enquanto ela tomava seu tempo e o sugava. Afundou a cabeça e seu escuro cabelo brilhou com a luz da lua enquanto lhe massageava a carne.

A mulher novamente o meteu na boca, fechou os olhos à medida que endurecia os lábios e suas bochechas sugaram com força. Deslizou as mãos pelas coxas de baixo para cima.

Com uma mão segurou suas bolas que estavam tensas e perto de seu corpo. Ela as massageou delicadamente com a palma e os dedos, rolou e apertou, até que Etienne empurrou os quadris e começou a percorrer o caminho para a liberação. Com a outra mão, ela rodeou a base do pênis e apertou, retorcendo-a para cima e para baixo.



Uma pontada em sua perna machucada interrompeu sua ascensão para o orgasmo. Etienne mudou seu peso para a perna sã e logo posou firmemente uma mão na parte de trás da cabeça da mulher para incentivá-la a tomar mais dele, que o colocasse profundamente na garganta.

Ela abriu a mandíbula e deslizou os dentes por toda sua longitude enquanto ele empurrava o pênis contra sua língua até tocar o fundo de sua garganta. Com o corpo tenso como uma mola, ele fechou os olhos e deixou cair a cabeça para trás. Gemeu enquanto ela subia e descia com mais velocidade, deslizava-se para baixo em seu pênis e o chupava com força ao subir. Deus, apesar de tudo, sim, tinha talento com a boca!

Quando ele estava preparado para deixar que ela o arrastasse com um frenético orgasmo, a mão que segurava suas bolas deslizou para trás e os dedos percorreram a dobra de suas nádegas.

Antes que ele pudesse articular um protesto, ela deslizou-lhe um dedo dentro do ânus e tocou sua próstata. Com um grito de protesto misturado com uma liberação angustiada, os quadris de Etienne se sacudiram e seu corpo explodiu, o sêmen saiu disparado dentro da boca da mulher.

Ele reprimiu uma praga entre os dentes e bombeou duas vezes. Foram embates fracos agora, seu corpo tremia pelas sensações. Etienne encurvou os dedos ao redor do batente da porta e abriu os olhos, olhando a mulher aos pés dele.

—Disse que meu traseiro estava proibido.

Ela apertou os lábios, estendeu a mão em direção ao cinturão que lhe rodeava a pequena cintura e tirou um pequeno frasco dele. Enquanto ele observava furioso, ela cuspiu seu cremoso sêmen no frasco e, levantando-o, mexeu na orelha. Murmurou algo ininteligível e uma luz cintilou ao redor da pequena garrafa antes de brilhar e sumir. Quando a luz desapareceu, levou frasco.

—Que demônios é isso?

A mulher se levantou e subiu suas calças, mas ele afastou suas mãos, colocando o pênis para dentro, nunca deixando de olhá-la nos olhos enquanto se vestia.



Mal fechou as calças, agarrou seu pulso e a puxou para dentro da cabana, onde havia mais luz.

—Que raios acaba de acontecer?

Ela o encarou e elevou o queixo com um gesto desafiante.

—Enviei seu esperma para minha nave. Precisamos saber se é fértil.

—Nave? — A mente de Etienne pulou esse detalhe no momento, para retornar ao sinal de advertência que seu cérebro disparou.

— Por que precisam saber se sou fértil?

—Se for fértil, Senhor, devo levá-lo para casa.

—Minha casa é aqui. Não vou a nenhum lugar — Ele passou a mão pelo cabelo ainda atônito por ver desaparecer seu sêmen no ar. Talvez o tio Jacques não estivesse bêbado depois de tudo.

—Senhor, se for fértil deve retornar para cumprir seu destino.

—E qual seria esse destino? — perguntou ele, com medo de escutar a resposta.

Os olhos dela estavam arregalados, cheios de fervor e sonhadores.

—Para assumir o manto de rei e liderar nossas forças na guerra contra os Gráctilos.

Etienne grunhiu e se perguntou onde raios acabava de colocar o nariz.

—Isso é tudo?

—Oh, e para gerar a próxima geração de nossa casta governante.

—Merda!

Capítulo 02

—Você, sente-se! — O homem que se encontrava em frente a ela, assinalou em direção a um sofá macio.

Como sabia que não era o momento adequado para dar sua opinião, Mariska desabou sobre o sofá. Todo rei tinha direito a um discurso retórico de vez em quando.

—Nenhuma maldita palavra mais! — disse ele bruscamente, a ira tingia suas feições reais com um magnífico tom vermelho.

Ela pressionou os lábios e se abraçou pela excitação. Sua Majestade, Imperador dos Planetas Irmãos, Supremo Comandante das Forças de Kathar, impunha temor enquanto caminhava pisando duro pelo piso de madeira.

Evidentemente seu passo era prejudicado por uma mancada, já que se apoiava mais sobre a esquerda. Mas o defeito só acentuava sua imagem ante os olhos de Mariska. Um guerreiro maltratado. Um cavalheiro da corte maltratado, mas mesmo assim, poderoso. Suas esposas seriam mulheres muito afortunadas. Ela suspirou sonhadora e com uma pequena pontada de inveja empanando seu júbilo.

O salvador de sua espécie perseguida, apenas a alguns passos de distância, tão perto que ela poderia estender o braço e tocá-lo com as pontas dos dedos, se fosse o suficientemente idiota para tentar. Neste momento, ele parecia estar tão zangado que poderia comer qualquer coisa.

E pensar que ela, uma simples comandante de uma nave de batalha, teve o pênis de sua Gloriosa Majestade na boca! Há qualquer momento, Carillon transmitiria a mensagem que representaria uma reviravolta na guerra contra os Gráctilos. A prova só confirmaria o que ela já sabia.

O homem transpirava fertilidade.

Desde seus ombros largos e musculosos e seu abdômen definido, irradiava poder de sua majestosa forma.



E ele era bonito como um deus! Seu cabelo escuro era cortado curto como o de um guerreiro, seu cabelo negro brilhava contra a luz. A cor de sua pele era marrom reluzente, tinha olhos escuros, seu nariz afilado, sua boca…

Mariska estremeceu. Quando ele a agarrou e tocou seus lábios com aquela estranha carícia que lhe roubou o fôlego, ela havia sentido como se lhe tivessem nascido asas com as cores do arco-íris Glimyr e que flutuava pelo ar.

Seu corpo ainda zumbia pelo modo malicioso com que ele pressionou seu corpo contra o dela. *Estrelas!* Sentia suas roupas muito apertadas e a sala quente. Mas era melhor não continuar pensando nessas lembranças por muito tempo. O gozo de estar entre seus braços não estava destinado a mulheres de sua classe. Além disso, ele não parecia nada apaixonado neste momento.

Uma descrição mais adequada do aspecto dele seria "magnificamente zangado" e ela era o motivo.

Mariska encolheu os ombros com um gesto filosófico. Ele podia estar murmurando obscenidades e insultando-a de forma velada naquele momento, mas ela compreendia sua ira. Ele não podia compreender sua importância e não estava com humor para escutá-la.

Ela puxou seu dispositivo de tradução e mudou de cajún para katariano. Era melhor dar um pouco de privacidade naquele momento, além disso, ela estava acostumada ter este efeito sobre os homens. Por que com Sua Majestade seria diferente?

O momento, porém, era dela para desfrutá-lo. Sua recompensa por trazê-lo de volta seria enorme: sua fortuna eclipsaria a muitas famílias bem estabelecidas e seu nome ficaria gravado nas tumbas dos futuros reis.

Tinha conseguido o que caçadores, videntes e magos não tinham conseguido: encontrar o último macho reprodutor da linha governante.

Seu destino tinha começado tão humildemente em uma missão de transporte para levar um mago ancião ao palácio da Rainha. Uma missão que não lhe agradou, porque era muito abaixo do status de sua patente.

O velho homem não tinha parado de falar consigo mesmo durante todo o vôo a respeito de algo que tinha perdido. Mariska só prestou atenção quando ele mencionou aos Gráctilos o



seu plano de tornar impotentes todos seus herdeiros, sabendo que embora a tecnologia pudesse gerar réplicas da classe governante, suas crenças sempre lhes proibiriam de usá-la para semelhante fim. Os Gráctilos tinham obtido êxito com o plano, tinham envenenado cada um dos machos herdeiros, tinham destruído sua semente e o futuro do Império. Os Gráctilos só tinham que esperar que morresse o último integrante da classe governante para recapturar os mundos que uma vez dominaram, antes da revolução que os exilou dos planetas irmãos.

Uma vez que ela compreendeu a importância das palavras do ancião, pressionou-o para obter detalhes e gravou todos as informações que saíram de sua mente debilitada pela idade. Trabalhando em conjunto com seu ancião oficial de ciências, Carillon, ela tinha unido as peças da viagem que tinha feito desaparecer como num passe de mágica o filho recém-nascido da Rainha, para escondê-lo até que o perigo passasse.

Graças à influência do ancião mago na corte da Rainha, ela pode começar a viagem com uma nave repleta de provisões, sem ter que solicitar aprovação por escrito. Mas ela sabia, seu comandante acreditava que tinha abandonado seu posto.

Mas, salvo esse embaraçoso engano cometido com Jacques, sua caça ao tesouro teve sucesso além dos seus sonhos. A personificação de tudo o que era precioso para seu mundo, pisava com passos fortes a alguns metros de distância.

Ela devia ter percebido que Jacques não era o rei. Não importava que o tivesse encontrado em seu pequeno bote perto de onde a Rainha Mãe havia dito que encontraria o rei. Ele tinha gritado como uma mulher quando ela o transportou para sua nave e tinha sido uma luta para convencê-lo a entregar seu esperma voluntariamente. Só quando Carillon o amarrou a uma maca e ela utilizou o pequeno truque que o mago tinha ensinado para acender sua paixão, foi que Jacques entregou-lhe o esperma. Mas ela enfiou o dedo no ânus do cidadão em vão.

—Riska? Está sentada? — uma voz interrompeu seu devaneio.

—Sim, Carillon. — Ela fechou os olhos e desejou com todas suas forças que a notícia fosse a que esperava.

—Minha menina... Você conseguiu! É ele! E é fértil! — Sua voz expressou tanta alegria, que ela quase pôde vê-lo dançar uma cambaleante giga enquanto lia os resultados do analisador da nave.

Os olhos de Mariska se alagaram de lágrimas e ela pestanejou para livrar-se delas. Era piloto de um cruzeiro de batalha por amor às estrelas!

Ela percebeu que os passos pararam e que seu Rei a olhava fixamente outra vez. Puxou o tradutor e voltou ao idioma cajún.

—Você não ouviu nenhuma só palavra que eu falei.

—Me perdoe, Senhor. Era meu Técnico Cientista, ele estava me passando os resultados.

—Pare!

—Deve me deixar falar, não compreende a importância de minha missão.

—Pare de falar em cajún! Por que o usa?

—Oh — Mariska encolheu os ombros, pega de surpresa por seu comentário — Pensei que você se sentiria mais confortável ao escutá-lo.

—Livre-se dele, agora.

—Sim, Senhor — Uau! O homem acabava de descobrir que era Rei e já estava dando ordens. Ela mexeu na orelha — Substituí o cajún pelo dialeto do centro do continente — Ela se obrigou a disfarçar sua irritação — Está melhor?

—Agora saia — disse ele com o corpo rígido.

—Não posso fazer isso.

—Saia ou a colocarei para fora.

Mariska se levantou do sofá e o enfrentou.

—Senhor, já não está seguro aqui. Fui a primeira a encontrá-lo, mas outros também podem fazê-lo. Tanto você como a família que tem aqui, estarão em perigo se não vier comigo agora.

Seu peito se elevou e desceu rapidamente, Etienne apertou os punhos ao lado de seu corpo.

—Não sou quem você acha que sou. Sou Etienne Lambert, nasci e me criei aqui.

—Sim, se criou aqui, mas nasceu muito longe daqui. — Mariska adicionou brandamente — Chame sua mãe e ela contará tudo — ela se dirigiu para a porta — Esperarei lá fora.

Sob o abrigo da varanda, Mariska escutou o longínquo diálogo que se desenvolvia lá dentro, enquanto Etienne falava com a mulher que o tinha criado.

Embora seu coração se compadecesse do homem pela chocante notícia que lhe tinha dado, ela não pôde controlar a impaciência e o nó em seu estômago. Tinha que levá-lo para a nave rapidamente.

A porta se abriu atrás dela e ela o olhou. A luz que se infiltrava de dentro revelava suas feições tensas e sua boca era uma linha reta e severa.

—Então, estava me dizendo a verdade. — Ele olhou fixo para fora por sobre a água escura — Não me importa. Não irei.

Mariska tomou uma decisão, uma decisão que sabia poderia ter graves repercussões nas próximas semanas. Ela se aproximou dele e olhou o rosto inexpressivo. Estendeu o braço para cima e deslizou as mãos pelo peito dele. Ele tinha parecido suavizar-se com ela na última vez que o havia tocado. Talvez funcionasse de novo.

—Olhe, sei que isto é importante para você, querida...

Ela balançou a cabeça, mas não respondeu. Ao contrário, se aproximou mais, deslizando os braços ao redor de seu pescoço.

—Me daria outro… beijo antes que eu vá?

A expressão do rosto de Etienne não se modificou, mas grunhiu do fundo da garganta enquanto sua boca descia em direção a de Mariska.

No último momento, ela se voltou para oferecer a bochecha e puxou seu comunicador.

—Carillon, nos transporte agora!



Horas mais tarde, Sua Majestade, Etienne Lambert, ainda estava realmente zangado.

Mariska o tinha evitado e encarregou Carillon que informasse ao rei de sua nova situação. Ela se trancou na ponte da nave e verificava e checava mais uma vez as coordenadas e

o plano de vôo; qualquer desculpa era boa para não pensar no que tinha acontecido entre eles em sua humilde cabana.

Durante semanas, ela esteve tão concentrada na tarefa de encontrar o rei que, quando se encontrou finalmente com ele, comportou-se como um macaco Glymir. Ele tinha pensado que ela era uma prostituta! Quando ela retornou à nave, acessou imediatamente o computador de bordo para verificar a tradução daquela horrenda palavra, só para mortificar-se quando confirmou seu verdadeiro significado.

E como ele tinha chegado a essa conclusão? Por acaso tinha sido sua imediata insistência de que entregasse seu sêmen? Ou foi a atração instantânea que sentiu por ele?

De algum jeito, deslumbrada e quase muda pelo assombro estelar, tinha conseguido fazê-lo acreditar que procurava sexo! Sexo mútuo, consensual e suado. Algo que não tinha se permitido como guerreira, devido à correlação direta entre atividade sexual e a perda de reflexos e concentração pela vertiginosa influência de uma libido super estimulada. Ridículo!

Ela ainda sofria os efeitos. Sua mente se consumia por aquele… beijo. Revivia uma e outra vez o modo que sentiu seus lábios e seu sabor enquanto ele deslizava os lábios sobre os seus, o modo em que seu corpo se balançou contra a dureza de suas coxas, e como ela se abriu como uma flor por seu toque.

Só que agora não se sentia tão perfumada. Ele pensou que era uma puta!

Uma batida forte soou no painel da porta.

—Abra a porta, Mariska.

Ela paralisou e seu coração pulou um batimento dentro do peito. Oh, por que ele não podia simplesmente aceitar seu destino e deixá-la em paz!

Ficou de pé, passou a mão na frente da fechadura e a porta se abriu silenciosamente. Imediatamente, ele encheu a estreita porta com seus ombros largos e ela desejava não ter notado.

Seu olhar escuro penetrou os olhos dela.

—Seu Técnico Cientista me disse tudo que eu preciso saber.

Mariska assentiu com a cabeça.



—Bem. Isso é bom. — Ela limpou a garganta — Então agora compreende por que tinha que...

—E, já que não sairei desta nave num futuro próximo, é hora de começar a trabalhar no primeiro mandato de meu reino. — Deu mais passos dentro da cabine e a encurralou contra a cadeira.

Enquanto engolia o pânico que sua proximidade causava nela, ela chiou:

—Qual mandato seria esse? — Não lhe agradou o sorriso selvagem que se estendeu pelos lábios dele, não agradou nada! Tampouco gostou do modo que parecia despi-la só com o olhar.

—Bom, começar os herdeiros. — Ele se inclinou para aproximar-se mais e lhe roçou os seios com seu peito.

—Oh… Oh! — Um pouco tonta e fora de si ela disse — Bom, de fato temos recipientes para isso a bordo, mas as damas realmente preferem passar o período de… concepção… à antiga. Cria laços de afeto. — Estou tagarelando! Notará a minha semelhança com um macaco Glimyr quando finalmente vir um!

—Você realmente acha que temos tempo até alcançar seus planetas? — Ele baixou a cabeça e sua boca pairou sobre a dela.

Atordoada pelo aroma almiscarado de sua pele e o calor que emanava como ondas de seu corpo, conseguiu perguntar com um sopro,

—Não — Ela balançou a cabeça. O que estava dizendo? — Sim!

—E não acredito que ejacular em outro frasquinho me estimule o suficiente.

—Ejacular? — Ruborizou violentamente quando se deu conta do que ele queria dizer — Necessita… ajuda? Carillon é perito…

O sorriso de Etienne se alargou e ele estalou a língua.

—Embora seja muito amável, a ajuda de Carillon teria um efeito adverso em meu êxito. Etienne empurrou uma de suas pernas entre as de Mariska.

—Necessito de você. Debaixo de mim. — Pressionou seus lábios com a boca e foi um beijo tão breve que ela gemeu — Agora!



Tinha transformado seus desejos em uma ordem. Como podia negar-se? Etienne deslizou a boca por seu queixo.

—Em benefício de nossa espécie… suponho…

—Não por nossa espécie… por mim. Eu a desejo — Ele levantou a cabeça e olhou ao redor dos estreitos limites da cabine — Se tiver confiança em outra pessoa, talvez possa passar o controle da nave enquanto eu levo a cabo minha missão.

Ela preferia não ter visto a imagem que surgiu em sua mente. Pelo resto de sua vida, jamais veria uma cadeira de capitão com os mesmos olhos. Estrelas! Como voltaria a se concentrar?

—A nave está voando com o piloto automático e aqui seria um pouco embaraçoso, eu acho — disse ela com voz fina. Como podia respirar se cada baforada de ar fazia seus mamilos encostarem contra o peito de Etienne?

—Então, o que acha do laboratório de ciências? — Ele levantou uma divertida sobrancelha — Carillon poderia tomar notas, estimar a trajetória, contar os minutos entre regenerações...

Acaso ele tinha múltiplas regenerações planejadas?

—Não no laboratório — disse ela, sentia-se enjoada pela falta de ar. Quando a ponte havia se tornado tão quente?

—Então onde? — perguntou ele com um tom de voz sedoso e tão profundo que o corpo de Mariska gemeu.

—Meu quarto... — Ele se afastou tão rapidamente que ela se segurou na cadeira para não cair.

—Depois de você — disse ele enquanto deslizava seu braço musculoso em direção à porta.

Agitado, seu ventre tremeu como se mil diminutos *argnats* batessem suas asas dentro dela. Passou ao lado dele no corredor, dolorosamente consciente de que ele seguia seus passos de perto. Acelerou o ritmo, necessitava espaço, um momento para revisar o que acabava de ocorrer e reagrupar seu desbaratado cérebro. Pense!



—Você sabe que isto não é realmente uma boa idéia? Muitas poucas crianças nascem fora do matrimônio...

—Não estou pedindo que se case comigo, só que receba meu sêmen. Mas, quem sou eu para ir contra uma tradição? Quando chegarmos a... como se chama seu planeta...

—Eufrazja?

—...Cuidaremos das formalidades.

Ele não podia ter intenções sérias de casar-se com ela!

—Mas você já tem um harém de esposas disponíveis para oferecer seus serviços, foram escolhidas a dedo pela Rainha Regente.

—Eu escolho meus próprios recipientes. E, neste preciso momento, você é conveniente.

Conveniente? Mariska jogou a cabeça para trás e parou a meio passo. Infelizmente, muito perto da ameaça real para evitar a colisão. Só que ele não se chocou com ela, ao contrário, foi mais um segurar que a empurrou contra o anteparo ao lado da porta da cabine.

Com o peito esmagado contra a parede, Mariska estava muito consciente de que lhe apoiava o traseiro.

—Então, aqui? — sussurrou enquanto lhe acariciava a bochecha com a respiração — Como se abre esta roupa?

Será que sua roupa ofereceria os meios para desviar-se de suas intenções?

—Se não me disser como, simplesmente a rasgarei, querida.

Estrelas! Tinha que falar com esse tom tão áspero e sensual?

—Estica, simplesmente deslize-a...

Ele puxou do pescoço, deslizando para baixo e posou um beijo no ombro nu.

—Tem a pele suave como a de um bebê — disse enquanto deslizava os lábios pelo ombro, subia pelo pescoço e, em seguida, puxando lóbulo da orelha com os dentes.

Mariska fechou os olhos e apoiou a testa contra o anteparo; alegrou-se de que Etienne pressionasse contra seu corpo para sustentá-la nesse lugar porque, do contrário, teria se derretido no piso.

Etienne baixou mais seu uniforme até que deslizou por debaixo de seus seios para em seguida estender as mãos em concha e tocá-los.

Os mamilos endureceram e se converteram em pontas afiadas que cravaram nas palmas das mãos de Etienne. O roçar de sua mão áspera enviou um calafrio por todo o corpo.

—É tão boa, querida, tão receptiva. — Etienne fez descer mais o tecido e os braços de Mariska ficaram presos ao lado de seu corpo e a parte superior de seu peito e seu ventre, expostos as suas inquietas mãos. Etienne a inclinou para trás e a cabeça dela caiu sobre seu ombro — Mamilos adoráveis e cor café — retorceu as pontas com os dedos e, logo, roçou com o polegar — Terá sabor amargo? Ou estará adoçada com o sabor do leite?

—Aaah — gemeu ela. Por que teve que falar? Suas palavras esticaram seu ventre e extraíram sua umidade que empapou a virilha do uniforme.

Baixou o uniforme com um puxão e passou a linha das nádegas, isso fez com que suas pernas se fechassem firmemente. Ele lhe acariciou o traseiro com as palmas das mãos e passeou ao redor de seu…

Ela se esforçou para liberar as pernas e abri-las. Precisava que a tocasse ali. Precisava aplacar o fogo em seu sexo. Retorceu-se contra ele.

—Por favor,…

—Eu vou. — Mariska balançava rapidamente sobre os calcanhares e ele a girou em seus braços — Mas antes, tenho que brincar. — Ele levantou uma sobrancelha — um pouco disto e um pouco daquilo.

O que quer que aquilo quisesse dizer, definitivamente não significava nada bom para ela, não acompanhado pelo malicioso sorriso que retorcia a boca sensual. Enquanto Etienne a abraçava segurando seus braços ao lado do corpo e com o uniforme prendendo suas pernas, Mariska gritou quando ele a elevou sobre os ombros e entrou na cabine.

Atordoada e sem poder respirar pelo alarme e por algo muito mais excitante, ela se perguntou quando ele tinha aprendido a usar as fechaduras ativadas por detecção de identidade. E quem as tinha programado para aceitar suas impressões digitais?



Capítulo 03

Etienne entrou com passo firme na cabine de Mariska e a jogou sobre o estreito colchão, ignorando seu grito de alarme. A raiva se acumulou em seu interior durante horas, surpreendentemente sem dor ou arrependimento. Em troca, era uma fúria que lhe dava energia e que encontrou seu objetivo na forma de uma garota franzina, uma desconcertante criatura que se encontrava de pé frente a ele com os olhos totalmente abertos e ofegando.

Bem! Etienne esperava que ela também estivesse um pouco preocupada com a direção de seus pensamentos. Agarrou um pé e tirou uma bota de um puxão, logo, tirou rapidamente a outra.

Ela vibrou sobre o colchão e tratou de sentar-se se apoiando com os cotovelos.

—Sou a capitã desta nave, uma guerreira e não uma puta!

—Querida, sei que não é uma puta. Carillon me informou exatamente a respeito de quem e o que é. Também comentou onde aprendeu essa malvada pequena técnica para extrair sêmen. — Puxou o uniforme pelas longas pernas e o jogou sobre seu ombro — Não quero me recordar neste preciso momento que a usou com meu tio também.

—Jacques não estava cooperando… medidas desesperadas...

—Disse que não quero me lembrar disso. Faz eu esquecer meu lado amável.

—Qual lado amável? — disse ela entre dentes.

Etienne sorriu ante sua cortante resposta.

—Exato.

—É insuportável.

—É a primeira vez que me chamam assim, mas é melhor que alguns insultos. — Ele se ajoelhou sobre o colchão e arrastou as mãos e os pés até ficar sobre ela — Deixe-me observar o que tomarei.

Mariska jogou farpas com o olhar.

—Ainda não conseguiu nada.



—Alegra-me que tenha dito essa primeira palavra. Diz que sua mente se dirige pelo mesmo caminho que a minha.

—Estamos nas profundidades do espaço — respondeu ela com um tom de voz ressentido — Não temos caminhos; temos azimutes, coordenadas...

—Devo mapear suas coordenadas? — grunhiu ele enquanto afiava o olhar sobre o delta de suas coxas de mel antes de voltar a elevar o olhar para cravar os olhos nela — Certifique-se que eu possa encontrar meu caminho?

Ela abriu a boca, mas só deixou escapar um débil ofego. Suas pálpebras se fecharam e seus lábios tremeram.

—Isso mesmo, preciso fazer reconhecimento — disse ele brandamente. Ele voltou a baixar o olhar e riu quando ela fechou as pernas bruscamente.

A garota era como água gelada para seus sentidos sedentos. Uma pele cremosa cor café, uns mamilos castanhos-escuros e uma mecha de cachos escuros entre as pernas. Será que a tenra carne de sua vagina seria rosa, ou mais escura? Etienne afastou a necessidade de descobrir agora. Primeiro um pouco disto…

Com um novo agrado pelo pitoresco ditado de sua mãe, Etienne deslizou os joelhos ao longo de cada lado dos quadris e se sentou.

Ela abriu os olhos e cobriu os seios com as mãos.

—S-senhor?

—Chame de Etienne, quando estiver nua.

Ela franziu o cenho levemente.

—E quando não estiver?

Ele riu com malícia.

—Senhor e Amo — Ela deixou ver um indício de irritação não pela primeira vez e aquilo o agradou. Toda aquela adoração com os olhos totalmente abertos, o fazia se sentir incômodo — Agora tire as mãos dos seios, querida.

—Por que me ordena isso? — perguntou ela com mau humor.

—Porque tenho o direito.

Ela afastou as mãos brandamente e as balançou como se não soubesse onde colocá-las.

Ele as guiou para o travesseiro que tinha ao lado da cabeça.

—Quando descobrir o que você quer tocar, não hesite.

Então, ela gemeu. Foi um pequeno gemido gutural que disse tudo a Etienne. Ele se inclinou e beijou sua boca com um suave roçar de lábios.

Ela abriu seus lábios imediatamente; tinha aprendido. Ele tinha lhe ensinado algo novo. Neste momento, pediu sem palavras que aprofundasse a carícia.

Etienne estava mais que preparado para agradá-la. Ele inclinou a cabeça e explorou sua boca com a língua, lambeu a borda dos dentes e a acariciou profundamente com a língua até que a dela se uniu à dança.

O corpo de Etienne endureceu e sua masculinidade forçou contra o zíper da calça jeans. Suas coxas enrijeceram e seu ventre foi apertado pela necessidade de chegar à parte sexual propriamente dita tão rápido como pudesse tirar a roupa.

Deu por terminado o beijo e respirou fundo para diminuir seu ritmo cardíaco, evitando assim os olhos azeviches de Mariska.

Primeiro "isto", recordou Etienne e desceu rapidamente sobre o corpo de Mariska.

Com o primeiro roçar da língua de Etienne sobre seu dolorido mamilo, Mariska entrelaçou os dedos no seu cabelo e o segurou com força. Ele sorriu contra seu seio e chupou o mamilo enquanto lambia a ponta.

Mariska sacudiu os quadris debaixo das coxas abertas de Etienne e ele grunhiu. A voz dela quebrou com um gemido afogado.

—Por favor, mais forte.

Ele mordeu o duro botão do mamilo lambendo em seguida para aliviar a leve dor.

Ela jogou a cabeça sobre o travesseiro e ele elevou o olhar para ver como seu emaranhado cabelo roçava as bochechas e o nariz. Ela abriu a boca para emitir um gemido silencioso.

Etienne endurecia mais segundo a segundo, então se dirigiu ao outro mamilo e o torturou do mesmo modo até que o corpo de Mariska se retorceu debaixo dele. Ele afundou os quadris e esfregou o inchado pênis contra o suave ventre para aliviar a dor.

—Etienne — Ela gemeu.



—Sei, doçura — disse enquanto pressionava os lábios contra as costelas e deslizava mais abaixo — Só um pouco mais de reconhecimento de terreno. — Ele se sentou e montou sobre as coxas fechadas. Passeou os dedos pelo áspero pêlo da área púbica.

Ela arqueou as costas com os olhos vidrados.

—Não posso suportar.

Etienne deslizou um dedo entre os lábios fechados e extraiu sua umidade para esfregar contra seu clitóris.

Com o primeiro toque, um gemido de tom agudo e débil brotou de Mariska.

Ele esfregou seus clitóris e observou como ela se retorcia e como suas coxas lutavam para manter as pernas travadas sobre a cama. Quando os punhos de Mariska franziram a roupa de cama e suas costas se arquearam, ele levantou seu joelho machucado e separou suas coxas com um empurrão.

Ansiosa, ela abriu as pernas e deu espaço para que subisse entre elas. Ele deslizou as mãos por debaixo de suas nádegas e se ajoelhou enquanto inalava a fragrância de sua excitação. Arnaud tinha razão. Era isto que precisava, gritos femininos que elevassem sua alma e que o tirasse da escuridão, uma paixão lustrosa que cobrisse sua língua e os lábios, a suavidade de uma mulher para afundar-se em seu interior.

Os lábios de sua vulva eram escuros como chocolate derretido. Ele os chupou fazendo-a choramingar suavemente. Então, lambeu mais abaixo e se introduziu tão profundamente em seu canal como permitiu sua língua alcançar para lamber o orvalho salgado que tinha inalado.

As coxas de Mariska tremeram contra os ombros de Etienne e seus gritos ficaram ásperos. Ela estava se aproximando de sua liberação.

Ele se levantou, tirou a camiseta por sobre a cabeça e a jogou no piso.

Mariska o observou e seu peito subia e descia tão rapidamente que seus seios estremeceram.

—Você vai me negar? — perguntou ele enquanto tirava as botas.

—Senhor, sou sua e cumprirei suas ordens — disse ela com voz débil.

Ele sacudiu a cabeça agitadamente para um lado e para o outro e abriu as calças.

—Deseja-me?



Ela tragou saliva e respirou de maneira irregular.

—Sim, Etienne.

Ele baixou as calças de um empurrão, as tirou e logo retornou enquanto se colocava entre as pernas dela.

—Me toque, Mariska. — Ele baixou a cabeça sobre o ombro dela e esperou que suas suaves mãos o aproximassem.

Ela acariciou seus ombros com as palmas das mãos e as elevou para seu rosto, segurando-o entre suas mãos.

—Me dê seu sêmen — sussurrou ela e se estendeu para tomar seus lábios.

Etienne gemeu dentro da boca de Mariska e apoiou o membro contra ela até que encontrou a úmida entrada e investiu com força dentro dela.

Mariska se esticou debaixo dele e produziu um som áspero.

Muito tarde, ele se deu conta de que lhe tinha rompido o hímen. Por Deus! Etienne retrocedeu e seu pênis ainda empalava a tenra carne.

—Maldição, por um demônio! Por que não me disse isso?

—Dizer o que? — perguntou ela enquanto seu corpo estremecia debaixo dele — Por que parou?

—Você é virgem! — disse ele entre dentes, ainda estava tão duro que se sentia preparado para explodir dentro de sua pele.

—Era… virgem — Ela disse com uma risada — Sou a comandante de uma nave de batalha e o sexo é prejudicial para nosso desempenho — acariciou as costas dele de cima a abaixo com as mãos e lhe apertou as nádegas — Já terminamos?

Ela parecia desiludida.

—Se eu fosse um homem mais forte… ah, demônios! — Ele bombeou, foi um embate superficial preliminar. Observou a expressão de Mariska e procurou desconforto ou dor.

Em vez disso, ela conteve a respiração e entrecerrou os olhos. Apertou-o mais forte com as mãos, puxando-o mais perto, mais profundo.

A mandíbula de Etienne endureceu como pedra e ele se retirou ligeiramente para voltar a deslizar-se para dentro. Logo, repetiu o movimento e manteve o ritmo lento e parecido.



Mariska plantou os pés no colchão e rebateu seu movimento enquanto descobria o ritmo.

—Muito bem, querida — Ele a felicitou enquanto pousava um beijo em seus lábios — Agora lentamente, quando nos encontrarmos, me esfregue com seu sexo.

Ela pestanejou ante a sugestão, mas aprendia rápido, inclinou os quadris para cima quando ele investiu profundamente e esfregou o clitóris sobre a virilha, seu cabelo produziu um som áspero que ficou mais agudo à medida que aumentava a fricção entre seus corpos. Em questão de segundos, seus seios ficaram mais eretos.

—Etienne?

Inclinou-se e beijou sua testa.

—Tudo está bem, querida, relaxe, eu estou aqui.

Ela fechou os olhos com força, abriu a boca para rodear um grito silencioso e, subitamente, sacudiu os quadris debaixo de Etienne. Foram explosões violentas e incontroladas, fora de sincronia que palpitaram cada vez mais rapidamente.

Etienne enganchou os braços debaixo dos joelhos para controlar os movimentos e investiu dentro dela com golpes poderosos e totalmente sossegados. Quando o orgasmo de Mariska pegou seu pênis, golpeou sua vagina e sua própria liberação se viu intensificada pelo grito forte e prolongado que rasgou a garganta da mulher.

Quando Etienne finalmente diminuiu o ritmo do movimento de seus quadris, afundou-se sobre o corpo dela até que pôde controlar o tremor que sacudia seu ventre e as pernas. Levantou os braços para soltar suas pernas e empurrou-lhe as coxas para baixo para recostá-las ao lado das suas. Então, apoiou-se sobre os cotovelos para levantar e olhar o seu rosto.

Mariska ainda tinha os olhos fechados. A transpiração pontilhava sua testa e o lábio superior. Sua expressão evidenciava tanta paz, que Etienne poderia ter pensado que estava dormindo, se não fosse pelas mãos que percorriam suas costas ociosamente para cima e para baixo.

Relutante em separar-se dela, Etienne apoiou a cabeça na curva de seu pescoço e deixou que o acariciasse com suas suaves mãos. Debaixo de seu ouvido, o coração de Mariska pulsava lento e tranqüilo. A calidez de seu corpo, acentuada quando ele acrescentou a sua, fez com que



seus olhos se fechassem em questão de segundos. Etienne aconchegou o rosto mais perto do corpo dela, sentia-se mais descontraído do que alguma vez pudesse lembrar.

Só que não agradeceria ao Arnaud por ter razão a respeito do que necessitava. Arnaud, tão esquentado como era, provavelmente não teria compreendido que necessitava de uma mulher especial para aniquilar a escuridão de sua alma. Nenhuma outra vagina teria conseguido. Só a de Mariska. Etienne voltou a sorrir sobre o pescoço.

—Etienne, está dormindo? — sussurrou ela.

—Estou muito pesado para você? — Deus, esperava que não. Ainda tinha o pênis enterrado em seu calor e o corpo dela era mais suave que qualquer colchão. O contato de pele contra pele não era algo que estivesse preparado para deixar escapar. Ainda não. Talvez nunca.

—Não. Eu gosto disto — disse ela enquanto lhe acariciava as costas, para cima e para baixo, para segurar suas nádegas e apertar. Quer fazer de novo?

—Quando dormir um pouco mais prometo isso. Mas estive acordado por toda a noite.

Ela ficou calada por um longo momento e ele começava a dormir quando ela disse:

—Quanto tempo dormirá?

Ele gemeu.

—Está ansiosa por mim, querida?

—Esperava mais regenerações — disse ela lentamente.

Seus lábios se levantaram com um único sopro de risada.

—Teremos que trabalhar em seu vocabulário.

—Regenerações não é a palavra correta? Você a usou.

—Estava sendo sarcástico.

—Então, como chamaria?

—Transas.

—Mas não soa tão bonito, não desliza pela língua.

—Não, é um termo forte, descritivo e um pouco desagradável.

—Então, transa é um nome ao acaso que abrange tudo o que fizemos?

—Não, uma transa só se refere à parte em que coloquei meu pênis em sua buceta. Necessita explicações também para esses termos?



—Não, pênis está no dicionário do dispositivo de tradução e posso adivinhar o significado de buceta pelo contexto da frase. — Sua vagina palpitou ao redor dele como se só a menção recordasse a seu corpo como acabava de utilizá-la. Mariska moveu as pernas inquietamente ao longo das de Etienne — Eu teria usado vagina. É mais suave.

—Tem razão, a sua é… adorável, como uma mascote. Mas buceta é um termo mais sujo e me acende o motor mais rápido.

—Então a chame de buceta sempre. — Ela suspirou e esfregou a bochecha contra a dele — Então, a transa só foi a última parte. Como se chama o resto?

—Reconhecimento de terreno.

—Ahhh… — beijou sua orelha — Pensei que estava sendo inteligente.

Ele notou o sorriso no tom de sua voz.

—Eu sou. Agora, durma.

Sua vagina voltou a pulsar e ele se deu conta de que o apertou de propósito. Ela já estava aprendendo a usar esses pequenos e sensuais músculos para excitá-lo, a moça não era lenta, definitivamente.

Lentamente, o pênis de Etienne se regenerou e encheu seu canal enquanto se endurecia até obter a máxima ereção.

O corpo dela reagiu e o convenceu com uma quebra de onda de fôlego renovado que o rodeou com um calor úmido e perfumado.

—Se estiver cansado… — ela começou a dizer.

—Muito tarde para se arrepender — grunhiu ele — Algo me despertou.

—Graças aos deuses!



Mariska despertou na escuridão com o corpo ainda unido ao de Etienne e o traseiro apoiado firmemente contra suas coxas. Inclusive dormindo, ele a mantinha perto: com uma mão

segurava seu seio e uma de suas musculosas coxas segurava as dela para mantê-la onde a necessitava quando despertasse.

E, Oh, quanto a necessitava! O que tinha começado como sentimentos de ira e amargura devido à perda de poder sobre seu destino se converteu em uma urgência e ambição de contato, de pausa das sombras que o tinham espreitado. Ela percebeu durante suas horas de amor, ele tinha se libertado dos horrores que manchavam sua alma.

Não sabia exatamente como soube. Mas, de algum jeito, ela pôde ver no fundo de seus olhos com alma e chegar ao coração do homem. Em questão de horas, sentiu-se conectada com ele, como parte dele. Mas, ele sentia o mesmo por ela?

E o que ocorreria com esta florescente conexão quando chegassem a Eufrazia? Carillon já teria enviado a mensagem codificada à Rainha que informava que tinham encontrado seu filho e que estava a caminho. Talvez o afastassem dela ao chegar em casa. Quando ele já não estivesse perto, ainda sentiria que era parte dela?

Mariska mordeu o lábio e fez desaparecer as lágrimas ao pestanejar. Garota estúpida! Sua importância em geral só era como a pessoa que entregava o salvador, não como noiva ou consorte. Quando chegasse o momento, simplesmente desapareceria e retornaria a suas tarefas, cumprir com o que fosse que o destino lhe proporcionasse pelo resto de sua vida.

Que tivesse servido como seu recipiente por um curto período de tempo era um privilégio e uma alegria que abraçaria pelo resto de seus dias. Como comandante de uma nave de batalha, nunca tinha esperado apaixonar-se e este curto e glorioso tempo com seu rei era um presente que sempre agradeceria.

Ele se agitou a seu lado, murmurou dormindo brandamente e a abraçou com força como se não pudesse deixá-la ir.

Mariska fechou os olhos e deixou que suas lágrimas gotejassem sobre o travesseiro.

Etienne roçou seu ombro com a boca.

—Querida o que está errado? — disse ele com um tom de voz grave e sonolento.

Ela choramingou e forçou um pequeno sorriso.

—Nada, mas tenho que me levantar.



—Eu já estou — disse ele e o demonstrou com um assalto sensual, empurrando seu pênis mais profundamente dentro dela.

Embora o corpo de Mariska ainda estivesse um pouco dolorido pelo jogo anterior, ela devolveu o movimento com um pequeno apertão de seus músculos internos.

—Está muito decidido a cumprir com seu mandato. Sua casa estará cheia o ano que vem.

—Minha casa só necessita espaço para um ocupante.

Mariska paralisou, parte de seu ser esperou ter traduzido a palavra corretamente, mas outra parte se consternou de igual maneira.

—Senhor...

—Etienne — Ele disse, e sua voz evidenciou uma leve advertência.

—Está bem, Etienne, seu dever é fecundar todas as esposas que possa — disse ela, mas sem muita convicção. Só de pensar em que ele se regeneraria com qualquer outra mulher lhe tirava o ar dos pulmões.

—Terei só uma esposa, e não porque deva criar a próxima geração de uma classe governante.

Oh, não! Isto era pior, muito pior do que ela suspeitava.

—Mas seu dever é...

—Essa não é minha opção. Minha mãe optou por me enviar à Terra, bom, ela deve ter feito sua lição de casa. A América não é governada por uma monarquia, nós escolhemos nossos líderes.

—Oh, isso não é bom. Tudo é minha culpa. Só se sente ressentido por como o tomamos.

Etienne se separou dela e a fez girar sobre as costas, logo, apoiou o corpo rapidamente sobre o dela.

—Luzes!

Não só tinha aprendido a usar as fechaduras ativadas por detecção de identidade! Acaso também sabia como pilotar sua nave? Ela se perguntou, a irritação afligia sua necessidade de fazê-lo entender. Ela elevou o olhar para vê-lo e não se surpreendeu ao encontrar-se com seu cenho franzido, ele era um daqueles homens teimosos.



—Querida, direi isto só uma vez. Quase morro por lutar no que acreditava e perdi amigos para garantir que o ditador que governava um país, e que não era um líder eleito por seu povo, permanecesse no poder. Se me converter em seu rei, trairei todas minhas crenças.

Como poderia lhe fazer entender?

—Mas, e os planetas Irmãos? O que vai ocorrer com suas crenças? Sem governantes poderosos, nossa civilização será vulnerável aos Gráctilos e agora posso te dizer que não nos oferecerão a possibilidade de ter eleições para decidir quem permanece no poder.

—Não é meu problema, doçura. Vocês terão que solucioná-lo por seus próprios meios. Ou melhor ainda, incluir o povo na decisão.

Ela soprou.

—Não compreende nossa história. Nossa classe governante nos liberou da opressão graças a seu poder e seguiu gerando os guerreiros mais poderosos. Sem seu sêmen para fortalecer a raça guerreira...

—Nem sempre se trata de quem tem mais músculos, não? Se assim fosse, ainda estaria em meu próprio planeta, não é?

Essas palavras a deixaram calada. Isso e o beijo que posou sobre seus lábios. Seus dias como comandante de nave de batalhas estavam contados com os dedos da mão. Mariska não contou com a capacidade de sua concentração quando ele seguiu lhe atormentando libidinosamente o ventre!

Abraçou as poderosas costas e abriu as pernas para deixá-lo entrar.

Assim que Etienne empurrou o pênis contra sua entrada, uma sirene soou em advertência.

—Que dem... — começou a dizer Etienne.

Mariska se separou de seu corpo com um empurrão e girou sobre a cama.

—Carillon, nos informe! — gritou ela pelo intercomunicador do teto enquanto colocava as roupas apressadamente.

—Riska, a rainha enviou uma escolta. Prepara o rei para o transporte.



Capítulo 04

Etienne caminhou pelo grande living superior sem perceber a opulência ao redor e desejando que os minutos já tivessem passado. Quanto tempo leva escoltar uma franzina garota da base militar?

—Filho, isso me esgota. Venha se sentar a meu lado. Sua pequena guerreira chegará a qualquer momento.

Ele girou em direção à rainha, uma mulher que era difícil pensar como sua mãe, apesar do fato de que compartilhavam uma forte semelhança. Em seu primeiro encontro, ele tinha admitido a verdade que seu coração tentava negar. A mulher a quem tinha chamado mãe toda sua vida, Estelle Lambert, não era sua mãe. A figura alta e robusta da rainha, sua pele morena e suas severas feições eram um reflexo das de Etienne. Nesse momento, vestida com uma longa túnica cor verde escura com gola alta e punhos bordados, via-se realmente como uma monarca.

—Não deveria demorar tanto — resmungou Etienne — Ela não quer vir.

—Então deve ordenar — disse ela com um brusco gesto afirmativo de cabeça.

Etienne jogou um olhar sinistro. Era um dos muitos temas sobre os quais tinham discutido nas últimas semanas.

—Bom, me ocuparei do assunto à minha maneira. Não interfira.

Ela soprou.

—Poderia fazer cumprir seus desejos sem questionamento algum. Sem importar quão estranho possa parecer — disse enquanto voltava a assentir com a cabeça.

—Mãe, toda pessoa tem liberdade para escolher.

—Você é o rei, seja o que deseje ou não. O povo insistiu em preservar a tradição e a procurar apoio em você.

—Eu não sou nenhum rei. Por um demônio, nem sequer posso dar ordens a mim mesmo. O que sei eu de diplomacia ou de governar um país? Fui soldado do exército, um suboficial, falando nisso.



Ela disse não com a cabeça.

—Seu modo de falar me confunde. Mas se equivoca, olhe o que conseguiu. Um tratado com os Gráctilos! Nunca teria acreditado que fosse possível sentar-se à mesa e negociar com essas criaturas.

—O truque, Mamãe — disse só para zangá-la — foi descobrir porque queriam estes planetas em primeiro lugar. Eles necessitam dos minerais que extraímos da terra, nós precisamos de seus mercados. Se alguma vez tivesse se incomodado em perguntar...

Ele se deteve quando viu que sua mãe pressionava os lábios para reprimir um sorriso.

—Já fala como um rei, meu querido.

O som de umas botas que vinham do salão exterior captou a atenção de Etienne nas altas portas de madeira.

—Pois, olhe como se humilha este rei — balbuciou.

A porta se abriu e um grupo da guarda do castelo entrou no salão. No centro se encontrava Mariska com sua magra e esbelta figura rígida e um brilho nos olhos. Estava magnificamente zangada. Bem! Que continue com seus jogos durante um ou dois minutos depois da alegre perseguição a que o tinha submetido. Ele a absorveu com o olhar, sedento de sua imagem. Tinha transcorrido muito tempo desde a última vez que a tinha visto a bordo de sua pequena espaçonave.

—Você! — gritou ela enquanto se detinha a cinco passos dele quando um guarda baixou sua lança laser para deter seu avanço.

Etienne fez retroceder o homem com um gesto de mão e cruzou os braços sobre o peito, olhou-a fixo e incorporou o fato de que, finalmente, ela estava ali.

Mariska jogou um olhar mordaz ao guarda e logo girou em direção a Etienne. Seu rosto se apagou com um cenho franzido muito parecido ao de um cão bulldog que Etienne teve.

—Com que direito mandou me prender?

Ele ignorou a risada contida de sua mãe e manteve o olhar fixo na mulher que tinha sido a causa de sua insônia por semanas.

—Abandonou seu posto novamente. — Etienne fez um gesto afirmativo com a cabeça enquanto ficava de pé atrás dos guardas — O comandante Zahra me informou que apresentou



um plano de vôo ilegal e que escapou com sua nave, que agora me pertence, diga-se de passagem, há algumas semanas. O que tem para dizer em sua defesa?

Notou um rubor na expressão de Mariska, um rubor de indignação que lhe tingiu de vermelho as bochechas.

—Tinha uma missão.

—Uma missão que eu não passei.

Etienne elevou uma de suas escuras e elegantes sobrancelhas.

—Que rápido assumiu seu manto de autoridade — disse ela quase com desdém — depois de todas aquelas elegantes palavras que disse a respeito de não querer ser rei e de "deixar que o povo escolha a seus governantes" — o imitou.

—Eles fizeram — entrecerrou os olhos — Me escolheram e se estivesse aqui, teria se informado.

Etienne pôde notar que sua afirmação fez baixar a raiva dela. Ela respirou fundo, evidentemente para conter a ira que ainda se agitava em seus olhos.

—Bom, felicitações então — disse com o melhor de seus grunhidos — Me alegro por você e por suas esposas.

Sua ira a traiu, esta disse a Etienne o que ele queria saber. Estava ciumenta! Ele pôde sentir que a tensão dos últimos minutos se deslizava por seus ombros. Deu-lhe as costas para tomar um minuto e controlar o sorriso que ameaçava encurvar seus lábios.

Seu olhar capturou o do comandante Zahra, parecia compartilhar a mesma dificuldade.

O homem ocultou um sorriso ao tossir.

Etienne franziu o cenho e logo voltou a virar em direção a ela.

—No que se refere às esposas, seu desaparecimento atrasou meu casamento.

A mandíbula de Mariska ficou tensa.

—Acredito que tinha esperanças de que tudo já fosse passado — balbuciou ela.

—Como poderia ser possível quando me faltou uma nave de batalha em meio às delicadas negociações com os Gráctilos?

—Negociações? — Ela abriu os olhos arregalando-os — O que negociou com aqueles lagartos?



—A paz, e um tratado comercial.

Ela ficou boquiaberta.

—Não posso acreditar.

—Não pode acreditar em que? Que estivessem dispostos a negociar? Ou que eu pudesse conseguir?

Ela permaneceu calada por vários minutos e logo seus olhos se umedeceram.

—Nunca tive dúvida alguma de que estava destinado a excelência Senhor — disse com voz suave.

Etienne tragou saliva e a sala, junto com as pessoas a seu redor, pareceram desaparecer enquanto a olhava fixo nos olhos cheios de lágrimas.

—Queria um mundo pacífico para criar meus filhos, Mariska. Já basta de guerras para mim. Basta de derramamentos de sangue feitos por minha arma.

Ela soltou um suspiro.

—Bom, agora o tem.

Ele se esforçou para conservar uma máscara rígida no rosto.

—Mas, o que se supõe que devo fazer com você?

Ela elevou o queixo, mas não ofereceu nenhuma sugestão.

—Cometeu um ato de traição. Posso perguntar por que?

—Tinha que recolher um carregamento especial — disse entre lábios rígidos.

—Valia a pena arriscar sua vida por isso?

Ela tragou saliva, mas seu olhar não fraquejou.

—Queria dar a você um presente de casamento.

Etienne girou sobre os calcanhares.

—Saiam — disse ele, sem tirar o olhar dela. Quando o último dos guardas e a mãe dele saíram, ele falou com voz brusca — Explique!

Mariska limpou a garganta.

—Logo depois de que saiu de minha nave, comecei a pensar no difícil que seria viver em um lugar estranho com tanta gente a seu redor, mas ninguém conhecido. — Seus olhos



evidenciavam uma tristeza que fez doer o coração dele — Pedi a sua família que viesse visitá-lo, ou que ficassem aqui se lhes agradasse o lugar.

—Minha família? Mamãe, Arnaud? — Etienne teve que se esforçar para que suas palavras conseguissem passar por sua garganta que, subitamente, viu-se cheia de emoção.

Ela assentiu com a cabeça e sorriu levemente.

—E o tio Jacques. Já me perdoou, diga-se de passagem.

—Contanto que não volte a examinar-lhe o traseiro — balbuciou ele.

Mariska retorceu os lábios.

—Não, desta vez estava bastante disposto a vir.

—Mariska... — Etienne cortou a distância que os separava — Me preocupei com você. Não esperava que não estivesse aqui quando cheguei e, quando me disseram que tinha ido…

Os olhos dela lacrimejaram e ela negou com a cabeça.

—Precisava encontrar seu próprio caminho — Ela olhou ao redor da espaçosa sala — E parece que está se aclimatando bem.

—Não, não foi assim. Odiei cada minuto.

Ela o olhou com interrogação no olhar.

—Eu precisava de você.

Ela abriu os lábios e respirou fundo.

—Senti saudades —sussurrou ela — mas não podia suportar ver você com outras mulheres.

Etienne reprimiu um insulto com os dentes.

—Você vê outras mulheres nesta sala?

Ela encolheu os ombros.

—Achei que estavam em seu quarto.

—Aquele harém foi desmantelado e todas as mulheres voltaram com suas famílias ou se casaram com outro homem de sua escolha.

Ela permaneceu tão imóvel que Etienne se perguntou se tinha compreendido o que acabava de dizer.



Desta vez, jurou e se ajoelhou desajeitadamente sobre sua perna sã enquanto pressionava a testa contra sua coxa em um gesto que tinha conseguido reconhecer como um de respeito e obediência para o governante.

Elevou o olhar em direção aos assombrados olhos de Mariska e segurou sua mão.

—Em minha cultura, quando um homem quer que uma mulher seja sua esposa, ajoelha-se a seus pés para lhe suplicar pelo privilégio.

As lágrimas alagaram os olhos de Mariska e gotejaram por suas bochechas. Ela as limpou velozmente com o dorso da mão.

—Não o compartilharei — disse, soprando.

—Digo o mesmo, querida — Posou-lhe um beijo sobre a palma da mão e se levantou para ficar de pé frente a ela — Aceita?

Ela abriu os braços para abranger a sala, via-se um pouco perdida no amplo espaço.

—Sua mãe...

—Já encheu o salão de jantar com pessoas que esperam que façamos nossos votos.

Ela baixou o olhar para ver seu uniforme marrom e ele sorriu. Inclusive naquele planeta, as noivas se preocupavam com seu vestido.

—Se disser o que a visão de você nesse uniforme significa, viria neste preciso momento, assim como está?

—O que lhe parece se descubro por mim mesma? — disse enquanto jogava um olhar por baixo das pestanas.

—Por todos os seus meios — murmurou ele, morrendo pelo toque dela.

Ela mordeu o lábio e estendeu o braço, segurando seu sexo com a mão.

Etienne não pôde evitar o enrijecer ante seu toque.

—Parece feliz em me ver. Por que não está com seu uniforme?

Ele grunhiu.

—De maneira nenhuma, pareceria como um desses tipos que dançam balé com seus pacotes à vista de todos — Então, todo mundo se daria conta de seu estado quase constante de excitação cada vez que ela estava perto. Etienne inalou a essência de Mariska e sentiu que seu corpo se endurecia até mais.



—Eu gosto de suas calças e não quero que ninguém mais olhe o… pacote. Perguntava-me quem tinha começado esta nova moda. — Ela retirou a mão e deu um leve apertão ao fazê-lo.

Etienne segurou seu queixo com os dedos e inclinou o rosto para trás.

—Ainda não me respondeu — disse ele com a boca a menos de uma polegada da dela.

—Não tem que pedir — murmurou ela — Me entrego totalmente a sua vontade.

—Oxalá todos deixassem de dizer isso. — franziu o cenho — Quero que o deseje.

—Sempre o desejei, Senhor. — Desta vez, a covinha se sobressaiu de sua bochecha.

Etienne apertou os dentes.

—Sabe que não me referia a isso.

—Por que deveria abrir o meu coração quando não me disse porque quer que seja sua esposa? Acaso é porque acha que é possível que tenha ficado grávida? Bom, não foi assim.

—Se nós nunca ficamos grávidos, não será por não tentá-lo. Que demônios acha que estava dizendo quando me ajoelhei a seus pés?

—Que quer que seja sua esposa, foi isso o que disse.

—Transe comigo! — Etienne exalou com força, estava irritado e ansioso.

Ela se inclinou tão perto dele que seus seios roçaram seu peito.

—Podemos reconhecer o terreno antes?

—Mariska? — O tom de voz de Etienne se elevou a modo de advertência.

Ela o beijou.

—Por que me deseja, Senhor? — Ela voltou a beijar.

Ele gemeu.

—Etienne, maldição!

—Mas não estamos nus. — O brilho de malícia nos olhos dela era evidente.

Etienne puxou o uniforme e deslizou o tecido para baixo para lhe deixar os seios descobertos.

—Agora!

—Está bem, Etienne.

—Não. Agora. Aqui, debaixo de mim — Mal pôde forçar as palavras. Precisava estar dentro dela naquele instante!

—Por acaso todas nossas conversas vão terminar assim? — As palavras dela evidenciaram irritação, mas abriu o cinturão de um puxão e o deixou cair no chão.

—Nunca falaremos, assim nunca terei a tentação de te estrangular. Ele tirou a jaqueta pelos ombros e a camisa pela cabeça. Quando sua visão ficou livre do obstáculo da roupa, Etienne notou que ela já estava nua e que sorria.

Abriu as calças e a baixou além da altura dos quadris. Logo, pegou-a pela cintura e a levantou em seus braços. Mariska o agarrou com as pernas e centrou seu sexo sobre o pênis.

Enquanto apertava os quadris, apesar da pontada de dor em sua perna machucada, Etienne se meteu dentro dela com um único embate violento. Logo, apoiou as mãos nos quadris dela e a manteve imóvel.

—Diga, Mariska. Diga, ou não faremos nada.

—Não é justo. Não pode me deter agora. — Ela se pressionou sobre seus ombros tentando se erguer, mas as mãos dele estavam firmes.

Imóvel nas alturas contra o corpo de Etienne e com o olhar no mesmo nível que seus olhos, Mariska franziu o cenho tão ferozmente que ele quase riu.

—Eu disse que não faremos nada, não até que me diga.

—Sim, casarei com você — disse com os dentes apertados — Então, faremos agora? — Ela se retorceu em seus braços tentando começar o movimento deslizante que ele sabia que ansiava.

—Não é suficiente, Mariska. Também quero escutar as palavras.

—Que palavras? — gemeu ela, tremia o corpo e os seios subiam com seus ofegos superficiais.

—Diga que me ama.

—Você primeiro — disse com expressão de dor.

Etienne já não pôde conter seu sorriso.

—É uma mulher muito teimosa.

—Tenho que ser. Quero tudo, Etienne.



—O que te parece se dissermos ao mesmo tempo?

Ela assentiu rapidamente com a cabeça.

—Está bem, se prepare. — Etienne a sacudiu ligeiramente para deslizar as mãos mais abaixo e segurar seu traseiro.

Ela inalou entrecortadamente com esforço e apertou a vagina duramente contra seu pênis.

—Estou preparada.

—Agora! — disse ele enquanto a levantava e logo a fazia baixar com força sobre seu pênis. Etienne apertou os dentes enquanto lutava contra a ânsia de bombear forte e rapidamente dentro dela.

—Te amo — ofegou ela.

—Te amo.

—Eu disse primeiro!

—Eu direi mais vezes — disse ele enquanto meneava os quadris e colocava o pênis uma vez mais — Te amo, Mariska — gemeu ele e apertou seu traseiro com tanta força que soube que deixaria marcas.

Ela o abraçou à altura dos ombros e se inclinou ligeiramente para trás enquanto punha os quadris em ângulo para fazê-lo entrar mais profundamente.

—Te amo — choramingou ela e o tom de sua voz se elevou até mais — Mais profundo, Oh, por favor!

Etienne apertou os quadris dela com os seus e esfregou de perto para roçar a base do pênis contra o clitóris.

—Querida, me aperte com força. Não posso esperar!

Ela gritou e seu canal se esticou ao longo do membro que palpitava enquanto ele explodia e seu sêmen saltava e se metia muito profundamente dentro do corpo dela.

Quando se esvaziou, Etienne a puxou para perto dele e a abraçou com força sem querer baixá-la. Ainda não.

—Disse-lhe que sexo o faria feliz.

Com um insulto, Etienne sacudiu a cabeça para trás e olhou fixo em direção à porta. Arnaud e Jacques se encontravam de pé e sorriam na entrada.

—Sua nova mãe, disse-nos que lhe disséssemos que se apressasse — disse Jacques enquanto encolhia os ombros, envergonhado. — Diremos que isso foi exatamente o que fez. — Pegou o braço de Arnaud e o puxou para trás da porta para fechá-la atrás deles.

—Sua família fará interessante a vida neste lugar, Etienne — disse Mariska enquanto um sorriso lhe encurvava os lábios — Realmente me agrada seu irmão.

—Acredita que não dirão nada do que acabam de ver?

Ela negou com a cabeça.

—De maneira nenhuma.

—Bom, já que estamos atrasados…

A covinha de Mariska se aprofundou.

—Está pensando em aumentar meu vocabulário?

—Alguma vez escutou a palavra 'soltar-se'? — perguntou Etienne enquanto levantava uma sobrancelha com malícia.

Os olhos de Mariska cintilaram de felicidade.

—Suponho que tem outro significado que não tem a ver com direção. — Quando ele assentiu com a cabeça, ela sussurrou — Me diga.

—Melhor ainda, eu mostrarei querida.